

# A IMAGEM NO ENSINO DE GEOGRAFIA: TRANSPONDO MÚLTIPLOS OLHARES

Djeovani Roos<sup>1</sup>

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

[djeovani\\_roos@yahoo.com.br](mailto:djeovani_roos@yahoo.com.br)

## RESUMO

Optamos por esquadrihar aqui os possíveis horizontes da Geografia Escolar e os arranjos dos delineamentos dessa prática educativa. Refletir sobre os desdobramentos da prática escolar em Geografia é imprescindível e essencial para apreender uma amplitude de preocupação com os discernimentos do processo de ensino e aprendizagem da Geografia no espaço escolar. A partir desses pressupostos colocamos em discussão as ambivalências e as problemáticas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem na Geografia Escolar. Como também, esboçamos uma análise dos caminhos do ensino de Geografia a partir dos sentidos e significados da linguagem videogeográfica na aprendizagem, isto é, visando a potencialização da imagem no entendimento e compreensão dos fenômenos geográficos, para pensar geograficamente a espacialidade, no âmbito dos processos educativos escolares. Transgredindo as fronteiras do ensino de Geografia para lançar outros olhares no pensar e fazer geográfico no ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino, Aprendizagem, Linguagens Videogeográficas, Geografia, Espaço, Prática Docente.

## INTRODUÇÃO

Para efeito de entendimento, este artigo é decorrência do projeto de mestrado Linguagem Video(Geo)gráfica: a imagem como potência de ensino; faz parte das atividades desenvolvidas junto ao Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas e integra as ações da Rede Imagens, Geografias e Educação<sup>2</sup>.

Discutir e refletir sobre a *Geografia Escolar* é uma tarefa árdua, mas que merece atenção, para tanto, propomos neste artigo uma reflexão e discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem da Geografia e as querelas em sua possibilidade de potencializar outras perspectivas teóricas de leitura e pensamento espacial. A questão não é buscar uma metodologia inovadora, ou uma nova área de prática de ensino, como, por exemplo, explorar a linguagem videográfica como recurso didático facilitador ou dinamizador dos processos de ensino-aprendizagem. Nossa intenção, apesar dos aspectos que abordaremos possibilitarem se desdobrar nessas ações aqui evitadas, é como o contato com outras linguagens pode ampliar a potência da linguagem geográfica em criar e elaborar conhecimento espacial por meio de outra postura político-profissional do professor em sala de aula.

Pensar sobre os caminhos do ensino de geografia requer um esforço desafiante na atualidade, notadamente em relação à multiplicidade de questões que envolvem tanto a epistemologia dessa linguagem científica, quanto às problemáticas específicas do processo ensino-aprendizagem. Diante disso, temos que optar por uma abordagem possível que coloque a questão de maneira a evitar a usual tendência de se buscar uma

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia (Licenciatura) e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas.

<sup>2</sup> Processo CNPq 477376/2011-8.

solução que explique ou indique o caminho certo de como ser um bom professor em meio a uma escola ideal, com alunos ideais num mundo idealizado em sua evolução.

A reflexão sobre a prática educativa da Geografia deve trilhar “outras” formas de concepções de ensino e buscar outros parâmetros de pensamento científico que visa fugir do pensar arbóreo, aquele usualmente praticado pela razão científica que se contenta em fixar parâmetros uniformizadores e generalizantes de verdades e soluções para o caos do mundo, no nosso caso, a dinâmica complexa e múltipla do processo ensino-aprendizagem de geografia.

Não se trata de uma crítica pura e simplesmente das concepções tradicionais, muito menos de desfazê-las, mas argumentamos a necessidade de haver outras abordagens de ensino. Que a partir das concepções existentes possa se fugir um pouco, mas utilizando-as para empregar outras formas de ver e analisar o processo de aprendizagem da Geografia no ensino básico, desdobrando outras ideias.

Atualmente, vivemos no auge do processo de globalização (ou mundialização) da economia e das comunicações e em uma época marcada pelas contradições, conflitos, individualismo e mudanças. Surgem, nesse contexto, novos desafios e embates para os professores, os quais devem buscar, constantemente, o entendimento das questões que envolvem o mundo, procurando a melhor forma de trabalhar tais pontos. Destarte, observa-se que essa não é uma tarefa fácil de fazer.

É nesse viés que despertamos a necessidade do profissional da educação, no nosso caso o professor de Geografia, se abrir para a diversidade de elementos que envolvem o cotidiano da vida dos alunos. Como esse cotidiano é complexo e múltiplo, optamos aqui em experimentar uma forma possível de abordagem a partir de um fenômeno que entendemos ser usualmente presente na rotina espacial dos estudantes em geral, qual seja, visamos abordar a questão da linguagem videográfica.

Destaca-se, então, a potencialização da linguagem vídeo-geográfica no ensino de Geografia, isto é, promovendo a imagem em seu imbricamento sonoro e poético como potencialidade para se pensar a dinâmica espacial pela linguagem científica da geografia. Arrola-se aqui uma discussão introdutória dessa forma de linguagem na prática da Geografia Escolar, colocando em evidência para pensar os delineamentos do ensino a partir dessa linguagem. Dessa forma, procuramos, mesmo que em fase inicial de pesquisa, fazer a discussão de algumas considerações que se articulam na linguagem de vídeos e trazendo essa reflexão/discussão para o âmbito do ensino de Geografia, como também, para a linguagem geográfica em si.

## **AMBIVALÊNCIAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Pensar a Geografia já se apreende enormes esforços. Pensar a contextualização do ensino desta disciplina não é diferente, pois requer uma gama de atenção e exercício para evidenciar a aprendizagem das concepções geográficas. E esse processo de ensino e aprendizagem da Geografia Escolar deve se personificar de maneira instigante, ou seja, é caminhar e cantar e seguir a canção<sup>3</sup> nas ambivalências desse processo que envolve a prática educativa.

As influências e as nuances das transformações espaciais e, conseqüentemente, como esses são processados no ensino de Geografia, conforme Mota & Cardoso (2007, p. 293) assinalam que, para a Geografia entender “[...] como se organiza o espaço significa aprender a pensar o espaço”. E, assim, aprender a pensar o espaço e compreendê-lo é uma função primordial do ensino de Geografia. Pensar

---

<sup>3</sup> Menção à composição de Geraldo Vandré da música “Pra não dizer que não falei das flores”.

geograficamente o espaço é atribuir um ensino preocupado em promover a abertura do ensino para que os sujeitos aprendizes possam pensar a espacialidade geográfica.

A Geografia, como disciplina escolar, traz para a ótica de compreensão dos elementos geográficos a contribuição do enriquecimento das representações sociais dos alunos e professores e ampliação dos conhecimentos sobre as dimensões plurais da realidade social, buscando entendimento das céleres transformações que decorrem no mundo.

As percepções que engendram e destacam os objetivos da ciência geográfica diante da sociedade deflagram a formação de sujeitos que sabem identificar a sua participação na dimensão social da apropriação do espaço geográfico, no que tange ao âmbito do ensino da Geografia (OLIVEIRA, 2006). Deste modo, a *Geografia Escolar* está inserida num processo espacial de construção de mecanismos de sobrevivência dos seres no território. Fazendo uso do pensamento de Douglas Santos (2007), delimitamos por Geografia uma forma de pensar as relações espaciais que não se circunscreve ao que especialistas ou livros científicos definem, mas sim processos espaciais em que os sujeitos elaboram para poderem sobreviver e reproduzir suas existências cotidianas.

Aí começamos a derivar outra perspectiva para o ensino de Geografia, ou seja, o sentido de Geografia não apenas reproduzir informações organizadas num currículo oficial e dispostas em capítulos de livros didáticos, mas geográfico entendido por uma forma de pensar o como nos localizar e nos orientar no mundo a partir das condições espaciais em que nos encontramos. São nesses sentidos geográficos que o ensino de Geografia possibilita criar outros pensamentos espacializantes, transformando a ação em sala de aula de um processo meramente reprodutor de conteúdos a priori definidos na direção de produção de conhecimentos em acordo com as condições em que se está no mundo.

Para tanto, o ensino de Geografia tensiona a compreensão usual dos conceitos articuladores da linguagem geográfica (espaço, lugar, território, paisagem, região) de forma que esses não sejam meros termos elaborados a priori para serem aplicados sobre o mundo, mas que sejam articuladores de sentidos na interação dos mesmos no momento do encontro do pensamento/mundo, ou seja, conhecer o espaço é “[...] identificar o significado dos fenômenos, tendo como referência a dimensão espacial que eles possuem” (SANTOS, 2007, s/p.).

Entretanto, por espaço compreende-se a organização dos elementos e fenômenos, expressando a dinamicidade e as manifestações do viver humano no mundo (FERRAZ, 2006). É nesse âmbito que o significado de espaço se apresenta para a Geografia. Portanto, conhecer o espaço vai além da verificação e observação dos elementos contidos em determinado lugar, é saber se localizar e se orientar nele, atribuindo sentidos às paisagens enquanto forma perceptível da espacialidade dos fenômenos, o que permite identificar os sentidos de usos deles nos lugares, seus territórios, definindo o que neles se pode identificar ou experimentar, ou seja, estabelecendo uma região em que a escala do fenômeno se expresse com determinada forma e necessidade para quem observa (SANTOS, 2007).

Deste modo, apreender geograficamente um determinado fenômeno é conhecer os processos que dão a forma espacial para o mesmo a partir do momento em que nosso pensar encontra o mundo expresso em dado fenômeno. São as nossas necessidades e as condições de vida (intelectuais, tecnológicas, culturais, econômicas e políticas) que estabelece as condições desse encontro e nos instiga a elaborarmos os mecanismos que viabilizam nos orientarmos em relação a tal fenômeno de maneira a melhor nos localizarmos no mundo a partir do lugar em que se dá esse encontro (FERRAZ, 2006).

Assim, ao definirmos a Geografia como o estudo da leitura dos processos que dão dada forma espacial aos fenômenos no contexto das multiplicidades de relações que se engendram, a questão que se coloca é como essas multiplicidades apresentam formas espaciais, regionalizam processos territoriais, permitem estabelecer sentidos de orientação e localização do/no mundo/lugar.

Nesse universo de análise, cobra-se do professor não ser um mero reproduzidor de conteúdos elaborados a priori por especialistas e presentes nos manuais didáticos, ou seja, para se pensar espacialmente os processos deve-se exercitar a criação de pensamentos espaciais, portanto, o professor deve ser um produtor de conhecimento (FERRAZ & NUNES, 2012); é por meio de sua imaginação e do agir criativo, interagindo os planos artísticos, filosóficos e científicos na direção da leitura do mundo em sua multiplicidade de fenômenos, que o professor se coloca como um articulador de diferentes escalas dos vários fenômenos que permitem a leitura espacial do mundo, abordando a estes por diferentes perspectivas, mais próximas do cotidiano espacial do lugar em que seus alunos se encontram.

Assim, neste estudo, destaca-se a linguagem do vídeo (a qual agenciamos a interação com a linguagem geográfica no termo linguagens vídeo-geográficas) para realçar a relação do pensamento geográfico com o mundo por meio do fenômeno vídeo, para assim exercitar o pensar espacial, isto é, pensar geograficamente o espaço no ambiente escolar.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM VIDEOGRÁFICA**

Destaca-se aqui o estudo da linguagem vídeo-geográfica no ensino de Geografia, na perspectiva de ampliar os horizontes dos processos educativos. Esboçam-se neste trabalho considerações iniciais quanto ao que a imagem, no caso a articulada e expressa no formato vídeo, pode trazer e evidenciar para os estudos geográficos, principalmente para amplitude do processo de ensino e aprendizagem da Geografia. De início destacamos a importância dos estudos imagéticos para a linguagem geográfica.

Diante do grande número de imagens que envolvem o mundo moderno, a geografia não pode ficar distante de abordar como mecanismo de leitura e produção de referenciais para o homem melhor se localizar e se orientar no espaço (FERRAZ, 2012, p. 1).

Assumir a importância e a pertinência dos estudos imagéticos pela Geografia não significa solucionar os problemas que envolvem a realidade atual, nem a especificidade da crise educacional, muito menos de estabelecer uma “*receita pronta*” de como se ensinar e trabalhar na sala de aula. Muito pelo contrario, o que se expõe aqui é uma outra proposta para os sentidos do ensino de Geografia, para assim podermos contribuir com a ampliação dos olhares e aprendizagens dessa ciência na dinâmica escolar.

Os problemas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem da Geografia estão longe de serem solucionados, e não almejamos tal intento, todavia, buscam-se aqui meios que possam melhor compreender os processos de produção de conhecimento pela linguagem geográfica, dando visibilidade e significância para os elementos constituintes da aprendizagem geográfica, ou seja, promulgando a qualificação do ensino e desempenhando o desenvolvimento intelectual-cognitivo dos alunos ao pensarem geograficamente.

Muito se vê ainda nas aulas de Geografia que o processo de trabalho ensino-aprendizagem se baseia na lógica verbal, a palavra e a escrita trabalhadas como única

forma de aprendizagem, sendo os condicionados a adquirirem as formas compreensivas e explicativas através da exposição verbal dos elementos que reverberam a discussão geográfica, resumindo, um ensino calcado tecnicamente no padrão do pensamento que se limita ao processo da escrita gráfica, sendo que o uso das imagens são apenas para ilustrar determinados aspectos do conteúdo escrito. Gonçalves Val & Ferraz (2009, p. 3) salientam que

Os professores e a escola, como um todo, ainda se baseiam na lógica do mundo verbal, da palavra hegemonicamente detentora da ordem explicativa do mundo, como caminho para a formação dos valores e habilidades nos alunos. Já estes exercitam e vivenciam um cotidiano em que a imagem e não a palavra é a detentora desse processo de aprendizagem e interação social.

Diante dessa perspectiva analítica, averigua-se que as linguagens vídeo-geográficas estão amplamente inseridas no cotidiano dos alunos, ou seja, ao se potencializar a imagem, por meio dos vídeos, como processo de aprendizagem da Geografia Escolar amplia-se os rumos de apreensão e compreensão dos alunos mediante as contextualizações do espaço geográfico. Promovendo a interação e estimulando o pensar por outras perspectivas lógicas, no caso, por meio de imagens, as quais não ficam secundarizadas pelo poder da palavra em dizer o que é a verdade e como deve ser a forma de se pensar o mundo.

Isso define nossa postura e entendimento quanto a abordar a questão da imagem e o trabalho com o vídeo, qual seja, não se trata de atribuir a essa linguagem uma simples metodologia de ensino ou de como ser empregada na sala de aula como reforço didático para a melhor aprendizagem do aluno, entenda-se melhor assimilação e reprodução dos conteúdos já estabelecidos a priori, mas sim de averiguar os sentidos que essa linguagem promove ou potencializa na leitura espacial do mundo, instigando assim novas perspectivas para se pensar geograficamente os processos territoriais, permitindo outros sentidos da e na paisagem dessa ciência.

Portanto, para esse universo de análise, a escolha das imagens em vídeos para o ensino da Geografia parte da lógica de sua constante presença na realidade cotidiana dos alunos, o vínculo com a divulgação de músicas, videoclipes, o uso pelos jovens dessas imagens por meio da rede de computadores – redes informacionais e tecnológicas, as quais esses sujeitos encontram-se cada vez mais integrados. As características que se depreende dessa linguagem trata-se da liberdade em que transforma cada indivíduo num criador/produtor em potencial, os vídeos produzidos podem alcançar uma gama diversificada de compreensão e explicação dos elementos compostos cotidianamente nas relações espaciais e da realidade. Enriquecendo e potencializando, assim, os propósitos da prática educativa da Geografia.

Hoje, no mundo virtualmente integrado no qual nos encontramos, os sujeitos estão constantemente em contato com os vídeos. Caracteristicamente, os vídeos apresentam-se compostos por imagens distintas, contendo ou não a inserção de sons, na visualização e na consecução dos materiais audiovisuais produzidos. Seus elementos constituintes se destacam em capturar, armazenar, transmitir ou apresentar imagens em movimento. Podendo ser caracterizado por uma sucessão de imagens sobrepostas ou uma animação composta por fotografias articuladas sequencialmente, resultando em

uma imagem animada e/ou uma gravação de imagens em movimento que vai dando formas, formatações, aos vídeos, corporificando a linguagem do vídeo<sup>4</sup>.

A efetividade e as características dos vídeos debruçam-se sobre o seu potencial em agir de imediato sobre as pessoas que se encontram localizadas territorialmente em determinado lugar. Compartilhando de fontes e elementos exteriores e interiores do mundo.

Para os sentidos que as linguagens videográficas possuem destaca-se a potencialidade dessa linguagem em articular sons, palavras e imagens, compostos num de informações, para atender um referencial imagético de comunicação, instigando a outras lógicas espaciais e temporais perceptíveis. Isto é, dando visibilidade a outros horizontes de observação e compreensão dos fenômenos espaciais constituídos temporalmente.

Por tais elementos entendemos que a linguagem de vídeos é um meio de comunicação, no qual uma mensagem – ou diversas mensagens – é transmitida, isto visto de quem produziu o vídeo para os indivíduos que entram em contato com essa produção, reverberando em análises outras, reproduzindo a mensagem contida nessa linguagem audiovisual. O espraiamento dos vídeos, ou das características videográficas, impulsiona um processo de diálogo e troca de informações interpretativas, regenerada pelo expectador que aprecia e analisa a composição audiovisual como também pelo produtor que recebe de volta uma gama de informações sobre o seu trabalho, possibilitando uma interação múltipla das definições atribuídas e observáveis no vídeo, comunicando com as esferas espaciais e sociais. Para tanto, as características apresentadas pelos vídeos de incorporar elementos de outros meios e, ao mesmo tempo, ser incorporados por eles, assim como as interferências e conexões que ele permite, constitui um elemento fundamental para pensar o vídeo e suas relações com outras linguagens (FARO, 2010). Dessa forma, os vídeos destacam-se nas contextualizações da atualidade, evidenciada pelas suas composições imagéticas e simbólicas das representações do mundo e da existência humana.

Pode-se dizer que as esferas do vídeo se potencializam a partir de seus diálogos com outras linguagens. Questão intrínseca e de fundamental importância para ser pensada no diálogo com a linguagem geográfica em sala de aula.

As linguagens de vídeos se apresentam e visualizam-se em diversas formas, por meio dos mecanismos televisivos, dos computadores, dos games, dos celulares – das “telinhas” em questão – ou seja, nas diversas “telas” que os sujeitos têm contato e utilizam. Suas composições se destacam essencialmente por serem dinâmicas, estão direcionadas ou ligadas à sensibilidade do público que capta e analisa as mensagens postas em movimentos. Essa maneira de ver os fenômenos do mundo responde e corresponde às impressões e expectativas sensíveis dos jovens, pois essa leitura permite visualizar os elementos, aos quais precisam ver para compreender e produzir as suas considerações (MORAN, 2009).

Isto é, os vídeos são dinâmicos, compostos por histórias selecionadas e determinadas em cada instância representativa e comunicativa, mostram e demonstram, impactam, chamando à atenção ao que está sendo visualizado e transmitido, dialogando e comunicando com suas exterioridades.

Os deslocamentos e manifestações imagéticas composta nos vídeos contribuem para uma maior apreensão dos significados e sentidos das concepções geográficas e de compreensão da realidade. Tais elementos proporcionam uma dinamização dos conhecimentos na assimilação das informações contidas e representadas, possibilitando

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://vejavideo.wordpress.com/2008/06/05/o-que-e-video>.

aos discentes alcançarem uma linguagem contextualizada e reflexiva, construindo uma representação que expresse o seu raciocínio reflexivo nas composições assimétricas que se desembaraçam na espacialidade geográfica.

Ou seja, a linguagem de vídeos escapa a simples racionalização e abstração dos elementos/fenômenos, apresentando uma fala visual e sensorial dos sentidos. Contudo, ampliando as leituras e compreensões socioespaciais do mundo, elencando outros meios para se localizar e se orientar, dando outras visibilidades ao dinamismo do pensar geograficamente.

Portanto, para esse trabalho construiu-se uma análise de vídeo baseado nos aspectos do videoclipe, filtrando para essa configuração e produção de vídeo nesse momento, ou seja, procuramos trabalhar com a ideia de videoclipe, pois articula sons e palavras por meio da edição de imagens para ser disponibilizada ao público consumidor e pela mídia desse mercado videográfico.

### **A LINGUAGEM DE VÍDEO EM ANÁLISE**

Sem sombra de dúvidas, o campo de interpretação advindo das imagens carrega significados importantes, promovendo a articulação das indagações, das ambiguidades e dos experimentos possíveis a partir desse ramo de produção do saber, ampliando e enriquecendo os conhecimentos produzidos a partir das características artísticas. É nesse meio que se destacam as operações da linguagem de vídeo no exercício de entendimento das linguagens geográficas ou dos fenômenos que se articulam nas dimensões da espacialidade. Para abordagem das linguagens no teatro da ciência geográfica, Nunes (2013, p. 2) nos chama a atenção assinalando que

A apropriação da linguagem geográfica se dá a partir da construção de conceitos e habilidades que possibilitam ao aluno ler o espaço, mediado pela compreensão dos elementos que o compõem, bem como pela lógica de construção deste, que será apreendida por meio da utilização e aplicação dos conceitos à realidade.

Para tanto, nesse momento, a partir das discussões e reflexões acima atribuídas, tentamos exercer a análise de um vídeo, exemplificando e relacionando com os processos educativos da Geografia. Potencializando a utilização dos vídeos na compreensão dos fenômenos geográficos e resgatando os sentidos possíveis que incitam uma abordagem fundamentada do aprendizado em sala de aula, provenientes dessa linguagem.

É pensando em termos de exemplificação que procuramos expor algumas análises da linguagem de vídeos, para consolidar de forma mais afinsa essas abordagens no campo da aprendizagem.

Para esse ato e efeito, escolhemos o vídeo para exercitar e experimentar as análises aqui a serem potencializadas, em consonância com as articulações da prática educativa da Geografia. Nesse âmbito, o vídeo escolhido trata-se de um clipe que apresenta elementos imagéticos possíveis de interpretações e compreensões dos fenômenos geográficos que decorrem nas escalas espaciais, reverberando os sentidos de localização e orientação, ao mesmo tempo em que destaca as significações ou as ressignificações das múltiplas estórias que acontecem simultânea e momentaneamente nas configurações espaciais (SANTOS, 2007; MASSEY, 2009).

O vídeo selecionado é o clipe da música “*Open Your Eyes*” da banda inglesa Snow Patrol<sup>5</sup>. Possui uma técnica de gravação de imagem em travelling frontal<sup>6</sup>, comum em outros vídeos que expressam o deslocar do personagem central, que parece ser o nosso próprio olhar, percorrendo as ruas de uma cidade, como se fôssemos nós a dirigir o carro que leva a câmara. Este vídeo caracteriza as paisagens de uma cidade, sendo a produção da filmagem construída em movimentos, sob o automóvel que se desloca por entre as ruas da cidade e a velocidade com que percorre os lugares captados pelas lentes da câmara, ou seja, os traços delineados na representação do vídeo correspondem às constantes paisagens e as suas configurações, transitando por vários territórios configurados na espacialidade urbana. Sendo os mesmos significados a cada curva realizada, pois se apreende a paisagem de imediato significando-as com os conhecimentos já estabelecidos das áreas percorridas, construindo as bases territoriais e de pulsação das relações humanas nesses espaços.

Para tal análise, o que visualizamos nas imagens do vídeo em destaque? Inicialmente sabemos que se trata de um veículo em movimento com o foco das imagens direcionadas para frente. Pela composição da luminosidade identifica-se que está como que amanhecendo, aparecendo por entre as estruturas urbanas da cidade os raios de Sol. Está-se adentrando numa cidade, percorrendo as suas ruas e em suas laterais apresentam-se árvores contornando as suas formações espaciais. Num horizonte próximo e visível observa-se a arquitetura da referida cidade, se aproximando do centro da mesma.

Na medida em que o veículo se desloca e segue em seu percurso, quanto mais adentra na profundidade do mundo da cidade, mais se evidencia as suas estruturas e configurações sobre o espaço. Ao passo, também, que as árvores do início do vídeo já não se fazem mais presentes na efervescência do mundo urbano. Demonstrando a dinâmica da cidade, que se encontra em movimento nos primeiros minutos do dia como, por exemplo, visualiza-se o trânsito de alguns veículos e dos ônibus de transporte de passageiros se deslocando nas ruas por entre os prédios. Assim como a ruas apresentam-se traçadas e delineadas pelos contornos da arquitetura urbana, sendo assim, aparenta constituírem-se como estruturas históricas, ou seja, revelando o processo histórico de composição da própria cidade, vista na atualidade. Sendo, ao mesmo tempo, transplantando as configurações espaciais e a dinamicidade em que o mundo atual está inserido, caracterizado pelos processos rápidos de produção e deslocamento do/no espaço.

Como também, torna-se perceptível os espaços de convivência organizados na cidade. Destacando-se as áreas de lazer, as praças públicas, os espaços de consumo organizados estruturalmente. É a relutância do percebido que se destaca nas ambivalências da cidade e de sua organização socioespacial.

Uma cena do vídeo é expressiva e emblemática, em que a rua é totalmente circundada por prédios, havendo ao final uma outra arquitetura diferenciada, tendo somente essa direção a se seguir, não podendo tomar outro caminho – neste caso tratando-se do veículo, pois os pedestres transitam livremente por entre esses espaços –, inevitavelmente, projetando o percurso e o deslocamento até esse ponto em específico, transmutando uma lógica espacial pensada e articulada para tais fins em questão. Isto é,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fk1Q9y6VVy0>. Acesso em: 17 de setembro de 2013.

<sup>6</sup> Travelling é todo processo de filmagem ou gravação de imagens em movimento com a câmara se movimentando. O travelling frontal é quando a câmara se desloca para frente ou para trás, geralmente presa a algum veículo em deslocamento, passando a sensação para quem observa a imagem, que se está adentrando ou saindo do que é enquadrado pela lente da câmara.



que as direções desse caminho desemboquem em determinado lugar que, pelo arcabouço que apresenta (neste caso aparenta ser a estrutura de uma igreja), possui sentidos e significados que representam a existência e a vivência da cidade e da sociedade em questão, como também sendo pontos de referência ou referenciais de localização na malha urbana. Sobretudo, entende-se que as lógicas estruturais são pensadas territorialmente na gama das suas multiplicidades articuladoras.

O todo momento, a imagem se movimenta paralelamente com o chão, em compasso com a malha asfáltica/pavimentada e esboçando as armações arquitetônicas da cidade. Em certos instantes, as árvores voltam a aparecer em sentidos paralelos com as construções arquitetônicas.

Ponto importante a ser destacado trata-se das constantes acelerações e desacelerações durante a trajetória do caminho por entre o mundo urbano, revelando as aspirações da cidade numa constante aceleração e desaceleração de sua manifestação espacial, integrada aos processos lentos e rápidos da reprodução socioespacial.

As imagens representadas no vídeo expressam as esferas do centro da cidade principalmente, delimitando os contornos dinâmicos que afloram nesse espaço. No desfecho do vídeo visualiza-se a chegada ao destino final, em que o veículo se aproxima de um determinado local e estaciona, concebendo uma visão ampla de outra parte da cidade por esse lugar estar num ponto mais elevado do relevo urbano. Reverberando as composições espaciais e estruturais do mundo urbano nas transfigurações localizáveis e orientáveis, ou seja, a busca de orientação e localização é resultado de experiências que vivenciamos e projetamos no percebido.

Sentidos significados como caminhar por entre os espaços desconhecidos de uma cidade em que se vai grafando e gravando as estruturações espaciais compostas na articulação e movimentação dos delineamentos humanos na configuração territorial percebida. São configurações espaciais articulada numa rede de relações que se entrecruzam nas experiências percebidas na convivência das pessoas.

Demonstrando a manifestação dos espaços urbanos, isto é, exercendo os direcionamentos da localização e orientação a cada paisagem que perpassa, sendo conhecidas ou reconhecidas e carregando-as de sentidos outros na manifestação dos territórios. As inconstâncias dos caminhos percorridos surgem na intenção de ir ao encontro da pessoa que o aguarda. E para isso o personagem do vídeo transita pelos diversos territórios e paisagens que compõem as estruturas da cidade, significadas pelas ações humanas. Trata-se de um videoclipe que cruza as paisagens e territórios circuláveis da cidade em compasso com os sons da música.

Mas, nesse momento nos atentamos para com as imagens destacadas pelo videoclipe e que são transportadas para o campo do observável, sem nos atentarmos especificamente com a letra da música. Analisando e relacionando os elementos contidos nas imagens com a Geografia e com o ensino desta, pensando nos horizontes que tais análises e sentidos, compostos no vídeo, intensificam e representam as abordagens do processo de aprendizagem.

São nesses sentidos que se necessita pautar o ensino de Geografia, potencializando a amplitude de compreensão dos discentes para com os fenômenos geográficos percebidos e experimentados na cotidianidade de suas vivências. Compreendendo as multiplicidades das histórias vivenciadas, dos desafios encarados, para se chegar aos seus objetivos, que, no caso, destacam-se e apreendem-se os da aprendizagem.

Os sentidos de localização e orientação que o videoclipe desperta são expressivos, demonstrando as maleabilidades dos territórios, grafando as velocidades

que se depreendem nos espaços atualmente. Contudo, a paisagem é percebida e resignificada pelos indivíduos que vivem nesse território, a partir desse momento vão se construindo as territorializações em seus diversos ângulos de análise e de abrangência das configurações socioespaciais elencadas, onde se estabelece as relações humanas.

Os territórios da cidade, que o vídeo expressa, tornam-se perceptíveis e evidentes pelos símbolos que a representa, como as faixas desenhadas sobre as ruas que orientam os direcionamentos e posições que podem ser transitados/percorridos. São as ambivalências e as dimensões da espacialidade, representadas simbolicamente, em que se constroem as territorialidades humanas.

A observação e descrição que o vídeo trabalhado reflete, potencializa as análises sobre os elementos geográficos, possibilitando que os discentes façam a leitura do espaço por meio de uma outra ótica, abordando a compreensão dos fenômenos que o constitui e desembaraçando-o nas lógicas de sua produção e reprodução vinculadas nas realidades vivenciadas, tanto nos parâmetros escolares quanto nos espaços cotidianos de convivência.

A partir dessa perspectiva, como podemos potencializar o ensino de Geografia? As respostas esperadas não se darão na sequência desse ponto de interrogação do questionamento, pois não é de respostas formuladas que estamos investigando e refletindo sobre essas análises. Mas sim de pensarmos em sentidos outros no cotidiano da prática educativa em Geografia. Despertando o exercício das habilidades geográficas nos ambientes escolares.

### **PENSANDO ALÉM, TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...**

Hoje, visualiza-se que os horizontes da escola são outros. A prática educativa não está mais fadada à transmissão do conhecimento apenas, do mesmo modo que não está mais fadada a crítica pura e simplesmente. Os rumos que contornam a realidade do processo de ensino e aprendizagem se expressam com outros ângulos e significados. Os objetivos do ensino são muito mais amplos que uma questão de rótulos, pois os elementos se encontram inter-relacionados, interligados, entrelaçados na complexidade que se inscreve na realidade. O universo escolar encontra-se integrado nessa dinâmica composta por uma heterogeneidade de elementos e funções. Para tanto, necessita-se de um esforço filosófico-geográfico de compreensão nas discussões que se engendram em torno das problemáticas e finalidades da prática educativa escolar. Apreendendo uma gama maior de entendimento das questões que permeiam a prática educativa geográfica, no âmbito da dialogicidade.

Pensar sobre o ensino de Geografia e os direcionamentos que essa prática educativa deve aderir, requer um apanhado de esforços para haver a materialização das problematizações que envolvem a realidade constitutiva da *Geografia Escolar*. A qual deve compor-se e estar dosada com uma ampla parcela de postura crítica para desempenhar um processo de ensino e aprendizagem significativo para os sujeitos aprendizes.

Almejando uma *Geografia Escolar* que direcione os seus olhares e pensamentos na formulação e construção de um ensino que vise o aprimoramento e o aprofundamento das características que agregam o processo de ensino e aprendizagem, composto na dinamicidade e no desenvolvimento da prática escolar geográfica. É orientando e fornecendo elementos para uma análise – crítica – da realidade que a *Geografia Escolar* deve proceder e estar calcada para garantir as condições mínimas de um aprendizado significativo.

Sendo assim, com as dinamizações escolares e do meio geográfico, visualiza-se a construção de uma prática educativa geográfica integrada com os desdobramentos da realidade e as manifestações que se delineiam no mundo, revigorando um ensino significativo para os sujeitos aprendizes. Sobretudo, no intuito de abranger as problemáticas e as deficiências que cerca/envolve a realidade escolar, atribuindo as devidas discussões, reflexões e questionamentos, visando à superação dessa emblemática situação que corrói o sistema escolar e o processo de ensino e aprendizagem.

Essa análise permite uma maior interação e dinamismo no aprendizado das questões geográficas. E, é nessa reflexão do pensar e fazer geográfico que o ensino de Geografia deve se materializar para garantir uma formação contextualizada, significativamente, dos alunos como sujeitos aprendizes, despertando os seus olhares críticos e aprimorando suas reflexões dos contextos e das complexidades da espacialidade geográfica.

Portanto, é de grande importância, atualmente, exercitar a linguagem de vídeos na prática educativa da Geografia, articulando outros meios interpretativos dos fenômenos/conceitos geográficos, arranjos reflexivos necessários para se desvincular de um ensino preponderantemente técnico. Ou seja, o professor precisa aderir esses meios de compreensão que se articulam e se destacam na atualidade, fazendo uso dessas dinamizações em que os sujeitos encontram-se inseridos, mas não utilizando desses meios superfluamente, simplesmente como uma exemplificação ou demonstração, mas sim potencializando essa linguagem nas esferas interpretativas e compreensivas. Entendendo as formas comunicáveis que se apresentam na dinâmica da linguagem de vídeos e transpondo para o universo da aprendizagem escolar. Estabelecendo uma comunicação e diálogo com os sujeitos aprendizes ao fazerem a leitura da linguagem videogeográfica, significando a linguagem geográfica nas orientações e localizações espaciais provenientes.

Pressupostos que colocam em evidência os procedimentos da prática educativa da Geografia, na qual argumentamos a vitalidade de estar inserindo outros arranjos de pensamento no ensino desta, como a atribuição da linguagem videogeográfica na articulação dos encaminhamentos e delineamentos do processo de ensino e aprendizagem. Promulgando novas construções do pensar geográfico, em que permita que os indivíduos se orientem e se localizem espacialmente. É trazer para o contexto da Geografia Escolar – principalmente no seio de suas falácias – esses elos da multiplicidade geográfica, a refletir geograficamente o espaço e os seus fenômenos articuladores e que tais aspectos discursivos se embrenhem no interior do ambiente escolar, reconhecendo o sujeito-aluno como capaz e questionador na abrangência de tal reflexão e dos arranjos espaciais envolventes.

Isto é, pensar geograficamente a prática educativa é inscrever a Geografia no seu próprio chão, por qual transita e caminha...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARO, Paula. Cinema, vídeo e videoclipe: relações e narrativas híbridas. **Revista Rumores** (Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias), v. 4, n. 8, jul./dez. 2010.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. & NUNES, Flaviana G. Ser Professor: deformar e criar pensamentos. **Revista Percursos**, Florianópolis-SC, v. 13, n. 02, pp. 94-113, 2012.

- FERRAZ, Cláudio Benito O. Imagem e Geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Revista Espaço & Geografia**, vol. 15, n.2, 2012.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. Algumas considerações sobre conceitos pertinentes à geografia a partir de um diálogo com a história. In: **Revista Espaço Plural**. Revista da UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon – PR, ano VII, n. Especial, p. 17-19, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES VAL, Rosângela Maria. & FERRAZ, Cláudio Benito O. A linguagem imagética na escola e no ensino da Geografia. **Anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre – RS, 2009.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Reformas no mundo da educação reformas no mundo. In: CARLOS, Ana Fani A. & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.). **Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2009.
- MORAN, José Manuel. **Vídeos são instrumentos de comunicação e de produção**. Entrevista publicada no portal do MEC em 06 de março de 2009. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/videos.htm>. Acesso em: 14 de setembro de 2013.
- MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOTA, Patrícia N. & CARDOSO, Eduardo S. O ensino de Geografia e a utilização de imagens de satélite. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre – RS, n. 33, p. 291-304, 2007.
- NUNES, Flaviana Gasparotti. As linguagens no processo de alfabetização geográfica: referências necessárias para a formação do professor de geografia. **Anais do XXI ENSUL – Encontro Sul-Mato-Grossense de Geógrafos e V EREGEO – Encontro Regional de Geografia**. Dourados – MS, 2013.
- OLIVEIRA, Marlene Macário de. A *Geografia Escolar*: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis – SC, n. 2, p. 10-24, 2006.
- OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Revista Pro-Posições**, Campinas – SP, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, 2009.
- PINHEIRO, Antonio C. & MASCARIN, Silvia R. Problemas sociais da escola e a contribuição do ensino de geografia. **Revista Terra Livre: Geografia, Política e Cidadania**. São Paulo: AGB, n. 11-12, p. 243-264, 1996.
- SANTOS, Douglas. **O que é geografia?** Texto inédito, 2007.
- SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.